

REFLEXÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO: A LITERATURA EM FOCO

Dayse Auricéa da Silva ALVES¹- IFPB
dayselon@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho corresponde a uma análise do livro didático “Português: Linguagens”, do Ensino Médio, publicado em 2013 com a autoria de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. O estudo objetivou compreender a abordagem adotada nas propostas envolvendo a Literatura, com respaldo em documentos oficiais como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 2006), que norteiam o ensino da Literatura no Brasil. Nesse sentido, se fez necessário entender o caráter humanizador da literatura e aplicá-la ao ensino, superando o simples enfoque historicista com apoio nas contribuições de Candido (1997), Barbosa (2010), Leahy-Dios (2004), Malard (1985) e Melo (1998). A pesquisa qualitativa de caráter exploratório possibilitou a análise do material a partir da identificação dos 12 capítulos destinados às aulas de Literatura, na busca por contribuições para a fruição do sujeito leitor. Para melhor caracterizar a proposta do livro em questão, foi selecionado um de seus textos, o poema “Grito Negro”, para reflexões sobre as atividades que o envolve. Nestas, comprovamos a predominância do método historicista, que se apresentou em todos os capítulos enfatizando a trajetória histórica e os estilos característicos nos textos literários de cada época, fazendo com que estes aspectos se sobressaíam perante a própria literatura. Contudo, consideramos que este livro tem viabilidade para o ensino médio, haja vista constituir-se apenas como apoio para o professor de literatura. Cabe ao docente desenvolver uma prática condizente com a formação do leitor de textos literários. Os conteúdos apresentados no livro complementam o processo de aprendizagem, mas jamais poderão ser considerados suficientes para a formação do leitor literário.

Palavras-chave: Livro Didático. Literatura. Ensino Médio.

¹ Mestra em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba e aluna de Licenciatura em Letras na Modalidade EaD no Instituto Federal da Paraíba.

INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado corresponde a uma reflexão realizada no âmbito do curso de Letras EaD do Instituto Federal da Paraíba. Com as reflexões propostas em disciplinas específicas, compreendemos que a Literatura é um direito de todos e que seu caráter humanizador deve ser considerado em aulas administradas no Ensino Médio, para ultrapassar o mero enfoque historicista. Para tanto, a de si considerar que não basta ao professor, apenas o conhecimento teórico deste campo de estudo (Literatura), é preciso realizar uma transposição didática para que haja a aplicação ao ensino, auxiliando o docente no olhar quanto à abordagem do livro didático com que irá trabalhar em suas turmas do Ensino Médio.

Partindo deste entendimento construímos nosso objetivo, no sentido de compreender a abordagem adotada nas propostas envolvendo a Literatura no livro didático do Ensino Médio. Apoiados nas “Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (Brasil 2006), analisamos o livro, volume 1 do Ensino Médio da Editora Saraiva, que tem como título “Português: Linguagens”, publicado em 2013 com a autoria de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

A investigação qualitativa, de caráter exploratório possibilitou a análise do material a partir da identificação dos 12 capítulos destinados às aulas de Literatura, na busca por contribuições para a fruição do sujeito leitor. Dentre todas as propostas analisadas no livro didático, apresentamos neste trabalho a abordagem do texto “Grito Negro”, favorecendo reflexões a serem consideradas em novas propostas de Ensino da Literatura no Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DA LITERATURA

A princípio se faz necessário entender a Literatura como direito de todos, para que chegue a todos indistintamente. Até bem pouco tempo o acesso a este bem era restrito apenas àqueles das classes mais abastadas. Para modificar este panorama a

educação vem empenhando-se consideravelmente para que a Literatura esteja ao acesso de todos. Contudo, se faz necessária uma consciência individual, a qual será construída desde a infância, onde os pobres tenham direito aos bens materiais, a igualdade de tratamento e aos “bens espirituais” como nos faz perceber Cândido (1995), configurando-se em legislações específicas que os assegurem.

Candido observa “o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos esta na base da reflexão sobre os direitos humanos.” (1995, p. 241). Por isso, considera que a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema, lembra que são bens incompressíveis (de direito a todos) não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. Entende-se que a Literatura é contribuinte desta integridade, haja vista seu caráter humanizador, que já é destacado nos documentos atuais que regulam a educação brasileira.

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 1995, p. 249).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (1996) no Artigo 26 Inciso III assegura o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Dessa forma o ensino de Literatura (e das outras artes) se apresenta com o objetivo de cumprir esta premissa. Segundo Cândido “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (1995, p. 249). É nesta perspectiva que a Literatura deve ser inserida na escola, portanto a forma como se organiza seu ensino precisa atender a esta humanização.

Para Malard (1985), o melhor caminho para a aprendizagem da literatura ainda é a leitura dos textos literários e a crítica sobre eles, pois nenhuma outra forma de ver seus conteúdos, como resumos ou adaptações, substitui a prática da leitura original, uma vez que são releituras. A linguagem rebuscada presente no texto original, com características próprias, só tem a ampliar o repertório do leitor, contribuindo na compreensão das peculiaridades da escrita em cada época. As releituras e as adaptações que se propõem a facilitar o entendimento provocam a perda da identidade textual.

Portanto, não será com o contato limitado a essas adaptações que a Literatura realmente passará a fazer parte do acervo cultural de todos, em ações de ensino na escola que impossibilitam o acesso as obras em sua originalidade. O caráter elitista presente desde sempre no trato com a literatura, desconsidera as possibilidades leitoras de todos, subestimando a capacidade do leitor das camadas mais pobres da população negando-lhes o acesso direto às obras literárias, independentemente de sua caracterização (canônico, clássico, moderno).

A literatura hoje deve ser abordada como mediadora entre diferentes culturas. Seus aspectos estilísticos e estéticos, bem como os fatores estruturais, formais, discursivos e de conteúdo contribuem para a compreensão dialética, que promove aproximação com aspectos socioculturais e históricos, a serem consideradas na interpretação do aluno. Segundo Leahy-Dios (2004) os resultados esperados com o ensino da literatura, conforme praticado na atualidade não se preocupa com o caráter estético ou sociocultural, apenas lidam com um caráter didático e pedagógico, dotado de um perfil estabelecido para os exames.

Por meio do conhecimento sobre vários elementos do texto o leitor pode ter uma compreensão da elaboração estética e também dos aspectos histórico-culturais que a motivaram. Se quando pensamos em convenção literária, pensamos em normas, em um meio social, em um sistema literário, temos que as convenções remetem à historicidade das obras, e esta à transformação dos gêneros, em uma relação dialética. Assim, a compreensão dos gêneros e modos leva a uma maior compreensão dos

procedimentos literários, como, por exemplo, categorias de espaço, tempo, personagem, etc., o que se traduz em melhoria da capacidade analítica da obra por parte do aluno.

Nessa perspectiva, para superar o enfoque historicista comum no ensino da Literatura no Ensino Médio, é preciso considerar que “história e estética, forma e conteúdo, erudição e gosto, objetividade e apreciação não são incompatíveis, mas parte de uma explicação total que é o ideal do crítico” (CANDIDO 1997 pp.32-33). É com base nesta afirmação que nos guiamos, para que a educação literária também não se apresente apenas como um fator de entretenimento, mas que exerça papel relevante no desenvolvimento político e no autocrescimento de sujeitos sociais.

Com a compreensão do caráter humanizador da literatura e sua aplicação ao ensino, conforme é destacado nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, é preciso ter alguns cuidados no trato com as aulas que envolvem textos literários,

[...] não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido, apesar de os PCN, principalmente o PCN+, alertarem para o caráter secundário de tais conteúdos: “Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências [...]” (PCN+, 2002, p. 55). Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito. (BRASIL, 2006, p. 54)

Assim, o trabalho que sobrecarrega o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias transforma a aula de leitura, de interpretação, de fruição do texto em uma aula de história, onde o texto é pode ser apresentado como um pretexto para outras finalidades, que não àquelas essenciais para o sujeito leitor.

MELO (1998) preocupando-se com a realidade do ensino da literatura, apurou que, apesar da ênfase no leitor verificada nas recentes teorias semiológica e recepcional, na prática da sala de aula, o ensino continua tradicional. Mesmo com a

abordagem diferenciada dos documentos orientadores do ensino da literatura, como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM, ainda é comum a não apropriação, por parte dos professores, de metodologias condizentes com as premissas até apresentadas como prioritárias no ensino da Literatura.

Para Barbosa (2010), os professores vêem os PCNEM como “mais um documento do MEC” que não cumpre o seu objetivo, pois não são compreensíveis e de fácil interpretação, não informam, não orientam e não se constituem como um modelo a ser seguido, concentrando-se apenas na filosofia e na descrição geral da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. No entanto, é preciso reconhecer que parte desta problemática foi elucidada nas OCEM, onde a Literatura ganhou espaço mais adequado, contudo alguns professores ainda demonstram desconhecimento, ou indiferença com o tratamento adotado nesse novo documento.

É preciso compreender que a história da literatura, por si só, não oferece condições para a apropriação pertinente a formação do letramento literário, pois segundo as OCEM o prazer estético é que permite a fruição, e esta só será possível mediante o amplo conhecimento de textos literários pelo aluno. Caracterizar historicamente, ou mesmo limitar-se a leitura de fragmentos de textos, para estudo, não confere ao aluno o letramento almejado. Assim, o documento já citado propõe o contato frequente do aluno com um amplo acervo literário, de modo que ultrapasse as atividades escolares, e passe a fazer parte dos momentos de lazer dos alunos.

Nessa perspectiva, se faz necessário ao professor ir além do livro didático, pois este não pode ser o único orientador do acervo literário a ser utilizado. As OCEM sugerem que o professor busque em sua formação como leitor sugestões para seus alunos, para que seja possível partilhar experiências já vivenciadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao verificar as propostas com Literatura do livro “Português: Linguagens” (Figura 1) percebeu-se fragilidades, pois nele verificou-se a fuga de alguns encaminhamentos das OCEM. Se o professor se limitar ao livro, o aluno não terá ampliado seu acervo literário, pois dentre os trechos e textos apresentados não há indicações que conduzam à avanços significativos da fruição do sujeito leitor.

Outrossim, não encontramos propostas que permitam aos alunos trocar impressões, que permitem a exploração de infinitos elementos das obras literárias, conduzindo a descobertas que individualmente não estiveram claras. É preciso ter ciência de que a prática de leitura literária na escola não pode limitar-se a atividades de metaleitura como é mais enfatizado no exemplar analisado com a exploração das características de estilo ou de épocas, mas é preciso ir além na formação do leitor do texto literário.

No livro em questão existem 12 capítulos sobre literatura, compostos por textos pequenos ou recortes de textos maiores, sem qualquer sugestão de busca dos textos completos. Ocorre uma ênfase na caracterização dos estilos de época, com apresentação da trajetória histórica e o destaque de autores que representam cada estilo.

Dentre os capítulos vistos não foi encontrado nenhum voltado à Literatura contemporânea, mas apenas às seguintes temáticas: o que é Literatura; Trovadorismo; Literatura Medieval, Classismo Renascentista; Quinhentismo; Barroco e Arcadismo.




Figura 1: Livro analisado

Mesmo assim, conseguimos selecionar um poema contemporâneo para análise, intitulado “Grito Negro”.

LEITURA

Grito negro



Patrik Giardino/Iconica/Getty Images

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.

Eu sou carvão!
e tu acendes-me, patrão
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.

Eu sou carvão
e tenho que arder, sim
e queimar tudo com a força da minha combustão.

Eu sou carvão
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão
até não ser mais a tua mina, patrão.

Eu sou carvão
Tenho que arder
queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!
Eu serei o teu carvão, patrão!

(In: Mário de Andrade, org. *Antologia temática de poesia africana*.
3. ed. Lisboa: Instituto Cabo-Verdeano do Livro, 1980. v. 1. p. 180.)

alcatrão: um dos componentes do carvão.
motriz: que se move ou faz mover alguma coisa.

Figura 2: Poema “Grito Negro” (Presente no livro analisado p. 21)

O poema faz parte do livro “Antologia Temática de Poesia Africana” organizado por Mário de Andrade em Lisboa, já em 3ª edição. De autoria do escritor africano José Craveirinha, o poema é apresentado na íntegra e associado à imagem de uma mão com punho fechado, que deixa expressa a força do poema “Grito Negro”.

A leitura do poema é proposta para que o aluno possa identificar características do “Eu Lírico” (a voz do poema), explorando a linguagem comum ao gênero textual. Nesta proposta, não são apresentadas outras indicações de leitura e a comparação

estabelecida se dá com um conto lido anteriormente para que sejam identificadas características do texto literário. Porém, na continuidade do capítulo passa-se a discorrer sobre estilos de época e a partir desta caracterização são apresentados versos de dois outros poemas (Figura 3), que são comparados entre si, para a identificação de peculiaridades de um poeta romântico e outro contemporâneo.

LEITURA

A seguir, você vai ler e comparar versos de dois poemas: o primeiro é um fragmento do poema "Meus oito anos", de Casimiro de Abreu (1839-1860), poeta romântico que viveu no século XIX; o segundo é um poema de Antônio Cacaso (1947-1987), poeta contemporâneo que viveu na segunda metade do século XX.

TEXTO I



Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
[...]

(Poesias completas de Casimiro de Abreu.
Rio de Janeiro: Ediouro, s. d. p. 19.)

TEXTO II



E com vocês a modernidade

Meu verso é profundamente romântico.
Choram cavaquinhos luazes se derramam e vai
por aí a longa sombra de rumores e ciganos.
Ai que saudade que tenho de meus negros
[verdes anos!]

(Cacaso. Lero-lero. Rio de Janeiro: 9 Letras;
São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 113.)

Figura 3: Comparação de estilos de época (Presente no livro analisado p. 23)

Mas, retornando ao poema "Grito Negro", percebeu-se no livro didático a proposição de um exercício composto por seis questões (Figura 4), dentre as quais quatro referindo-se a compreensão do poema, porém, já explorando a linguagem própria do gênero textual poema. Nas duas questões seguintes, ficou mais clara a

finalidade da proposta, quanto à compreensão da linguagem utilizada no texto poético, bem como o entendimento do que é um texto literário, portanto a leitura do texto se deu como pretexto para outros assuntos. A atividade analisada não chega a ser “ruim”, porém é preciso que o educador tenha consciência das peculiaridades necessárias à formação do leitor do texto literário, pois com a limitação às orientações do livro didático estaremos apenas passando conteúdo escolar e não contribuindo para a humanização proveniente do ato leitor.

CONCLUSÃO

A Literatura chegou à escola pública, no entanto ainda são muitos os impasses, especialmente quando se verifica práticas baseadas exclusivamente nos livros didáticos. Como verificamos neste estudo, ainda é comum a organização historicista desses manuais e a tentativa de minimizar a distância entre as manifestações literárias consagradas e as condições de recepção do aluno, resulta em uma redução do processo de assimilação da experiência literária. Disso decorrem proposituras como a que verificamos neste estudo, as quais quando aparecem como únicas, nas práticas escolares de ensino, não atenderão ao que se deseja, no que se refere ao letramento literário.

O livro didático “Português: Linguagens” apresenta predominância do método historicista, pois todos os capítulos que tratam da literatura enfatizam a trajetória histórica e os estilos característicos nos textos literários de cada época, fazendo com que estes aspectos se sobressaíam perante a própria literatura. No entanto, este livro pode ser uma alternativa viável para qualquer professor do 1º ano do ensino médio, pois acreditamos que o livro será apenas um apoio para o professor de literatura. Cabe ao docente desenvolver uma prática condizente com a formação do leitor de textos literários. Os conteúdos apresentados no livro complementam o processo de aprendizagem, mas jamais poderão ser considerados suficientes para a formação do leitor que queremos.

Figura 4: Atividade proposta a partir do texto “Grito Negro” (Presente no livro analisado pp. 22-23)

1. O texto lido é um poema, um dos vários gêneros literários. Nos poemas, é comum o eu lírico expor seus sentimentos e pensamentos.

a) Qual é o tema do poema lido?

b) O que predomina nesse poema: aspectos individuais ou sociais?

2. Os poemas geralmente utilizam uma linguagem plurissignificativa, isto é, uma linguagem figurada, em que as palavras apresentam mais de um sentido. O eu lírico do poema lido, por exemplo, chama a si mesmo de *carvão*. Que sentidos têm as palavras *carvão* e *mina* no contexto?

3. Para o patrão, o eu lírico é *carvão*, pois é a força motriz do trabalho e da produção. O eu lírico aceita sua condição de “*carvão*”, mas com um sentido diferente do que tem para o patrão. Releia os versos finais do poema e interprete o último verso.

Eu sou *carvão*
Tenho que arder
queimar tudo com o fogo da minha
[combustão].
Sim!
Eu serei o teu *carvão*, patrão!

4. O poema de Craveirinha, além de expressar os sentimentos e as ideias do eu lírico, é também uma recriação da realidade. Por meio dessa recriação o poeta denuncia as condições de vida a que eram submetidos os negros em Moçambique antes do processo de independência. Na sua opinião, a literatura pode contribuir para transformar a realidade concreta? Explique.

5. O escritor e educador Rubem Alves afirma que o escritor “escreve para produzir prazer”. Em sua opinião, a literatura proporciona prazer ao ser humano, mesmo quando trata de problemas sociais, como ocorre no poema de Craveirinha? Justifique sua resposta.

6. Reúna-se com um colega e, com base na leitura do poema de Craveirinha e do conto “A mulher sem medo”, de Moacyr Scliar, montem um quadro com as principais características do texto literário.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Socorro de F. Pacífico. A literatura no contexto dos documentos oficiais. In: **Linguagens usos e reflexões**. v. 6. ALDRIGUE, Ana C. de Sousa; LEITE, Jan Edson Rodrigues (Org.). João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**, Volume 1. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília, 2006.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Volume I. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

_____. **Vários escritos**, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**. V. 1. Ensino Médio. São Paulo: Saraiva, 2013.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social – desvios e rumos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MALARD, Letícia. **Ensino e literatura no 2º grau: problemas & perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MELLO, Cristina. **O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários**. Coimbra: Almedina, 1998.